

PAM GONÇALVES

Bem Vim



Galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PAM GONÇALVES

Bom Ano

1ª edição

— **Galera** —
Rio de Janeiro | 2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G628b
Gonçalves, Pam

Bom ano [recurso eletrônico] / Pam Gonçalves. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.
recurso digital

Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-40316-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-54209

CDD: 869.3
CDU: 82-3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © 2018, Pam Gonçalves

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40316-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e
receba
informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

Bom ano
Saiba mais

É uma verdade inquestionável: se você planeja uma festa de Ano-Novo com seus amigos, alguém vai desistir em cima da hora. Foi o que pensei assim que uma das minhas melhores amigas me avisou que não passaria a virada de ano com o grupo.

— Mas é meu aniversário! — reclamei ao telefone com Talita. — Não acredito que você vai me abandonar!

Eu sabia que estava sendo dramática, mas a comemoração era importante para mim e eu gostava de ter todos os meus amigos por perto.

— Manu, seu aniversário é só dia 25 de janeiro. Me poupe!

Quase pude vê-la na minha frente, revirando os olhos como se ainda nos víssemos todos os dias. Fazia algum tempo que Talita havia deixado a República das Loucuras, nosso nome especial para uma casa de quatro quartos e tijolinhos aparentes, que eu chamava de lar fazia uns anos. Ela e o namorado, Bernardo, alugaram um apartamento no ano anterior e pareciam mais do que nunca... adultos.

Eu sei que também deveria me considerar adulta. Tinha idade para isso, estava me formando na faculdade de Comunicação e deveria saber o que seria da minha vida assim que eu tivesse aquele diploma nas mãos. Só que... surpresa! Eu não fazia ideia de como seria o ano seguinte, e estava tentando ignorar a ansiedade diante disso o máximo possível, ocupando minha cabeça com reunir meus amigos!

É claro que eles nem ligavam para a confusão que rolava na minha cabeça. Nunca fiz a linha de preocupar os outros com coisas extremamente

importantes para mim.

— As comemorações começam um mês antes, todo mundo sabe disso! — expliquei com uma voz meio manhosa e tive certeza que estava soando ridícula, mas era uma tática para quebrar um pouco a resistência da Talita.

— Manu... — Ouvi um suspiro do outro lado da linha. *Quase lá!* — Você sabe que vai ser algo importante para mim também. É a primeira vez que minha família convidou a família do Bernardo para uma data especial. Vamos passar o Ano-Novo juntos, como uma... *família*.

Ela repetiu a palavra família tantas vezes, que isso me causou um desconforto enorme. *Minha família* eram meus amigos e me doía lembrar que eles não se sentiam da mesma forma.

Veja bem, eu entendia as necessidades da minha amiga. Essa seria uma oportunidade incrível para que seu relacionamento amadurecesse, eu torcia por ela, mas... não conseguia deixar de lado um sentimento um pouco egoísta, implorando de novo para que a reciprocidade funcionasse pelo menos uma vez.

— Tudo bem — disse depois de respirar fundo.

— Manu, por favor...

— Tudo bem — repeti em um tom de voz mais alto. — Preciso desligar, ainda tenho... várias coisas para resolver.

— Todo mundo vai, tenho certeza que vai ser incrível. — Talita tentou me animar.

— Nem todo mundo. Enfim... tchau.

— Tch... — Ela começou, mas desliguei antes de saber como ia se despedir.

É claro que meu aniversário não era o maior motivo. Eu só não queria ficar sozinha em uma das datas mais emotivas do ano. Meu relacionamento com a Dani, minha namorada, não estava nos melhores dias e não havia qualquer chance de ficar na casa dos meus pais no réveillon. Eu só queria uma virada de ano feliz, apesar dos pesares.

O Ano-Novo sempre foi uma data importante para mim. Uma oportunidade de recomeçar, algo simbólico, que ficou ainda mais significativo após o primeiro ano da faculdade, quando precisei superar coisas realmente graves. Estar ao lado das pessoas que eu amo nessa época era essencial.

— Ela não vai, né? — perguntou Gustavo quando me encontrou sentada no balcão da cozinha da República.

Neguei com a cabeça e desviei o olhar para o pequeno caderno à frente, com uma lista de itens que precisava comprar para a comemoração, antes que ele percebesse que eu estava quase chorando.

— Mas todo mundo vai, Manu — disse Gustavo, tentando me animar. — Vai ser legal.

Resmunguei qualquer coisa em concordância, sem olhar para ele. Não seria a mesma coisa.

— A Alina te contou qual é a novidade que tá deixando ela tão estranha? — perguntou enquanto caminhava em direção à geladeira.

Limpei a garganta e arrumei a postura, grata pela mudança de assunto. Quando girei a cadeira do balcão para ficar de frente para ele, não me abalei ao perceber que meu amigo voltara aos velhos hábitos de andar só de samba canção pela casa depois de semanas com roupas impecáveis que usava para as aulas no hospital. Gustavo andava mais responsável do que nunca. Depois de toda a polêmica envolvendo as Atléticas e os casos de abuso sexual cometidos por alunos da universidade no começo do ano anterior, ele começou a se dedicar à sua formação, e à Alina, é claro. Eles viviam grudados.

— Não, nem sabia que ela tinha alguma novidade — respondi, um pouco ressentida, porque Alina sempre me contava tudo.

Gustavo pegou a caixa de suco na porta da geladeira, abriu, tomou alguns goles e voltou a me encarar.

— Ela só disse que tinha uma coisa pra me contar. — Ele sacudiu a caixa e o líquido fez barulho lá dentro, então bebeu o que sobrou. — O que você acha que é?

Antes que eu respondesse, ele fez um movimento para recolocar a caixa vazia na geladeira.

— Ei! — interrompi.

Gustavo me olhou confuso, então levantei as sobrancelhas enquanto indicava a caixa vazia em suas mãos.

— Tá, tá — disse contrariado ao fechar a porta da geladeira para jogar a caixa no lixo. — E aí, tem alguma ideia?

Meu amigo parecia realmente curioso, porque cruzou os braços e ficou esperando com expectativa qualquer resposta, como se eu pudesse ler

mentes.

— Sinceramente? Não sei... Espera! — Olhei séria para ele. — Você acha que ela pode... estar... tipo...

Não consegui nem terminar de falar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, confuso.

Homens. Tão burrinhos.

— Grávida — completei de uma só vez.

Gustavo levou alguns segundos para absorver o que eu tinha dito e permaneceu por um tempo em silêncio, encarando o piso da cozinha.

— É possível? — insisti, ainda que eu mesma não acreditasse na possibilidade. Alina sempre foi muito cuidadosa e preocupada com o seu futuro. Eu nem tinha certeza se ela sequer *queria* ser mãe algum dia.

— Talvez? — respondeu ele baixinho, em dúvida.

Ok, agora eu estou preocupada.

— Era só o que me faltava. Talita e Bernardo praticamente casados e vocês dois com um pingo de gente a tiracolo! — Tentei soar brincalhona, mas não surtiu qualquer efeito em Gustavo, que manteve a testa franzida. — Não quero ser adulta.

O tempo estava passando rápido demais e obrigando todo mundo a fazer escolhas, conquistar objetivos, mostrar algum resultado. E eu sentia que não havia feito nada de relevante.

— O que vou fazer se ela realmente estiver grávida?

Olha só para quem ele estava perguntando...

Abri a boca para responder, mas ele me interrompeu:

— Vamos precisar de uma casa maior assim que o bebê nascer. Dois quartos. Não... — Gustavo olhou para mim e passou a mão pela cabeça, o que fez com que os fios castanhos ficassem ainda mais bagunçados. — Três. Um precisa ser o escritório da Alina. De quantas semanas você acha que ela está?

Isso mesmo, ele nem sabia se ela estava grávida e já havia começado a fazer a contagem em semanas. Bom, Gustavo era estudante de medicina, mas alguma coisa acontecia e a unidade de medida dos *novos pais* virava *semanas*. Isso sempre me deixou muito confusa.

— Deve nascer entre julho e setembro — concluiu Gustavo depois de fazer suas contas imaginárias, olhando sério para mim. — Preciso planejar umas coisas.

Então, sem que eu pudesse entender o que havia acabado de acontecer, ele saiu andando com firmeza em direção à escada.

— Ei, eu preciso organizar algo mais urgente! Tipo o aluguel da casa pro Ano-Novo! — tentei lembrá-lo.

Gustavo não me deu atenção e em seguida ouvi a porta bater no andar de cima. Apoiei a cabeça nas mãos e encarei mais uma vez o papel com a lista na minha frente.

— Eu só queria um Ano-Novo normal — resmunguei para a cozinha vazia.

Quando Alina veio conversar comigo mais tarde, enquanto eu fazia minha arrumação anual de desapego do guarda-roupas para desestressar, ela continuou misteriosa.

— O que você faria se tivesse que escolher entre o amor e o seu futuro?

Alina encarava o teto, deitada na minha cama, no pequeno espaço que não estava ocupado por roupas. Eu havia lido um livro recentemente sobre organização, então estava realmente dedicada a descobrir se *amava* cada peça de roupa que eu pegava nas mãos. Foi por isso que não entendi muito bem a profundidade da pergunta dela.

— Amor ou futuro? — repetiu Alina, quando olhei distraída para ela.

Então minha ficha caiu.

Ela realmente estava grávida.

Ou estava pensando em terminar com o Gustavo.

As duas opções eram desesperadoras.

— Preciso de mais contexto do que isso — respondi. Era uma pergunta delicada, eu precisava de mais detalhes. — Isso tem a ver com o segredo que você tá escondendo do Gustavo?

Alina nem ficou surpresa por eu já saber que havia um segredo, sempre fui muito amiga do Gustavo. Então suspirou e mordeu o lábio inferior, tentando decidir o que poderia me contar.

— Uma coisa aconteceu — começou, incerta. — Uma oportunidade. Eu me inscrevi de brincadeira e... deu certo.

Por que tanto mistério, MEU DEUS?

Abri um espaço entre uma pilha de calças jeans e calcinhas e me sentei ao lado dela. A conversa precisava de foco.

— Eu ainda não desenvolvi o poder de ligar minha mente na sua pelo wi-fi, Alina — lembrei. — Inclusive, você bem que poderia criar algo do tipo, né? Acho que tem a ver com Engenharia da Computação.

Alina balançou a cabeça e se sentou de frente para mim.

— Eu fui selecionada para uma bolsa de intercâmbio. Em Stanford. Nos Estados Unidos.

Acho que demorei alguns segundos para compreender a grandiosidade daquilo tudo porque Alina me encarou com expectativa, esperando uma reação.

— ISSO É FANTÁSTICO!

Joguei meus braços ao redor da minha amiga e ela me abraçou de volta sem jeito. Quando a soltei, percebi que ela não parecia tão feliz e tinha um sorriso desanimado nos lábios.

— Um ano — disse.

Eu ainda não conseguia entender qual era o problema e a encarei de testa franzida.

— Gustavo.

— O que tem ele? — perguntei.

— Vou ficar um ano longe, Manu.

— Ué. Vocês são adultos. Um ano passa rápido.

— É um ano — repetiu, balançando a cabeça. — Muitas coisas podem acontecer comigo e com ele.

— Você tá pensando em terminar? — perguntei, sem acreditar. Alina e Gustavo eram o tipo de casal perfeito. Os dois eram diferentes em gostos e escolhas profissionais, por exemplo, mas... davam muito certo juntos. Era quase impensável cogitar uma separação. Se tinha algum macho em quem eu confiava... era no Gustavo.

Alina cobriu o rosto com as mãos e se levantou, começando a andar de um lado para o outro no quarto.

Uma das minhas opções estava certa, afinal.

— Eu não quero terminar, Manu — disse baixinho, como se tivesse medo de Gustavo ouvir, só que ele havia saído para ir à academia. Seus olhos começaram a encher de água. — Mas se eu aceitar, vou precisar fazer isso.

— Espera. Então você vai escolher entre o Gustavo e o intercâmbio?

Ela assentiu.

Um alerta de PERIGO surgiu na minha mente. Eu precisava interferir. Não poderia deixar minha amiga recusar uma oportunidade dessas por causa de um homem, seu primeiro namorado. Mesmo que esse namorado fosse o Gustavo.

Mas eu precisava falar com jeitinho, por isso tentei outra abordagem.

— Alina... Você não pode tomar uma decisão dessas sem considerar uma terceira opção. Eu não acho que você deva recusar o intercâmbio de jeito nenhum, mas não precisa terminar com o Gustavo, sabe? Vocês são um casal e podem decidir sobre isso juntos — aconselhei. — Não sobre o intercâmbio, essa decisão é somente sua. Você não vai querer olhar para trás e pensar que prejudicou seu futuro por causa de namorado.

Eu não entendia como conseguia lidar tão bem com os problemas dos outros. Talvez não estar envolvida emocionalmente contribuísse para que fosse mais fácil pensar com clareza e encontrar uma solução. Eu provavelmente não conseguiria dar o mesmo conselho para mim mesma, se estivesse passando por essa situação.

Ouvimos a porta se fechando no andar de baixo, então Alina enxugou rapidamente o rosto e deitou de barriga para baixo na cama, ficando de frente para mim e de costas para a entrada do quarto. Logo em seguida ouvimos uma batida de leve na minha porta.

— Entra! — pedi, segurando a primeira peça de roupa que encontrei na frente. Era uma blusa de moletom do curso de Comunicação do meu ano de caloura. Havia um buraco perto da gola e os cotovelos já estavam puídos, mas eu amava esse moletom. Decidi ficar com ele. Seria uma boa recordação. Desculpe, Marie Kondo.

— Ei — cumprimentou Gustavo, avaliando a bagunça do quarto. — Vocês querem pedir alguma coisa pra comer? — ele perguntou para nós duas, mas olhava com expectativa para Alina, que não havia se mexido; seus olhos ainda vermelhos me pediam para despachar o namorado.

— Acho ótimo — respondi. — Pizza?

Gustavo concordou.

— Amor? — perguntou para Alina.

— Hm. — Ela limpou a garganta. — Por mim tudo bem.

Tenho certeza que a indiferença de Alina atingiu meu amigo em cheio, ele já estava ansioso com o segredo dela. Apenas engoli em seco e ergui as sobrancelhas para Gustavo.

— Você sabe os sabores, né? — perguntei. — A gente já desce, só tô terminando de contar sobre uns negócios que rolaram com a Dani.

Isso pareceu aliviar um pouco a tensão.

— Ah, claro... vou ver se o Nico vai querer comer também.

— Como se você precisasse realmente saber a resposta — brinquei. Nicolas aceitava comer qualquer coisa que a gente sugerisse.

— Ele tá na fase fitness, né? — argumentou Gustavo, dando de ombros. — Vai saber...

Então sorrii e fechou a porta.

Respirei fundo, aliviada, e olhei para Alina.

— Você sabe o que precisa fazer — avisei.

Ela desabou com o rosto em cima da minha pilha de calcinhas.

— Ei, nada de ranho nas minhas roupas íntimas!

Alina se levantou para ter certeza que eram realmente calcinhas.

— Eca — resmungou.

— Estão limpas! — eu disse e joguei a blusa de moletom nela.

Resolvemos nos juntar ao Gustavo pouco tempo depois. Alina não me perguntou se realmente havia rolado algo com a Dani, eu também não voltei a esse assunto.

Eu e Nico estávamos sentados no chão da sala e um episódio de *Big Mouth* passava na televisão. Tinha acabado de mandar mais uma mensagem para a Dani, que se juntou às outras quatro que eu enviara mais cedo. E ela continuava me ignorando.

Nico era atualmente meu principal confidente, já que Alina e Gustavo estavam mergulhados nos próprios problemas. Foi quase um alívio quando ele chegou no ano anterior para ocupar a vaga que havia surgido na República depois que Talita e Bernardo foram morar juntos. Ele era uma das melhores pessoas que eu havia conhecido, do tipo que se preocupa com todos ao redor, mas acaba se dando mal por oferecer muito mais do que as pessoas poderiam retribuir. Eu me identificava com ele... quer dizer, me identificava o máximo que uma aquariana poderia se identificar com um libriano.

— Posso convidar uns amigos para compensar a ausência da Talita e do Bernardo?

Ok, retiro o que eu disse.

Se ele realmente me conhecesse saberia que eu odiava amigos novos. Principalmente se esses amigos não tivessem sido apresentados por mim. Percebendo meus olhos semicerrados a ficha dele caiu logo.

— Eles são legais. — Tentou me convencer, inutilmente.

— Nicolas, Nicolas... — falei com calma, balançando a cabeça e conferindo mais uma vez o celular. — Você sabe como esse grupo de amigos funciona. Novos integrantes precisam ser testados. Não é apenas um “eles são legais” que vai convencer o grupo.

— Convencer *você*, né?

— É quase a mesma coisa. Se eu gosto de uma pessoa, automaticamente todo o grupo vai gostar — declarei, sorrindo. Levantei o queixo e pisquei para ele. — Tenho bons critérios.

— Eles são meus amigos de infância — complementou Nico, como se isso quisesse dizer alguma coisa.

— O que isso tem a ver? Nós somos seus amigos atuais.

— Eles também.

— Você entendeu — falei, revirando os olhos. — Convivemos com você há... — Tentei inutilmente fazer um cálculo de porcentagem de cabeça, mas sem sucesso. — A maior parte do ano. Somos mais seus amigos.

Ele deu um riso de deboche e isso me deixou levemente irritada.

— Você que sabe... — disse Nico, dando de ombros e desviando o olhar para a televisão.

Por essa eu não esperava. Cruzei os braços com raiva.

— Qual o seu problema? — perguntou ele. — Tem alguma coisa a ver com inferno astral?

— Nada — respondi. — E o inferno astral nem começou.

Ele ergueu as sobrancelhas e me analisou enquanto eu conferia mais uma vez o celular. Nenhuma notificação de mensagem apareceu na tela.

— Problemas no paraíso?

— O quê?

— Você não para de olhar o celular.

Limpei a garganta e respirei fundo para controlar minhas emoções.

— Só estou esperando um e-mail envolvendo uma resposta de trabalho — menti.

Não queria falar sobre a Dani.

Eu sei, eu sei... ficava ressentida quando alguém não se lembrava de me perguntar como eu estava, mas, ao mesmo tempo, não queria falar sobre o que estava acontecendo. Sei lá... nem eu me entendia.

— Hm, tá — respondeu. — Você sabe que se precisar... pode falar comigo, né?

Assenti e me virei na direção da televisão também, nem havíamos notado que ela esperava uma resposta. Uma mensagem apareceu logo que o episódio acabou, perguntando se continuaríamos assistindo.

Eu sabia que poderia contar com Nico. Mas uma coisa era falar sobre os contatinhos que não envolviam de fato qualquer sentimento mais sério, outra totalmente diferente era conversar sobre o que havia acontecido entre mim e a Dani. Ele não entenderia.

Continuei encarando a televisão sem responder a pergunta que permanecia na tela. Escutei Nico respirar fundo e se levantar.

— Você poderia então parar de implicar com meus amigos — declarou, enquanto cruzava os braços tatuados e levantava uma das sobrancelhas em um gesto desafiador.

Olha ele se aproveitando do meu momento sentimental, tsc, tsc.

Levantei rapidamente para ficar mais ou menos da altura dele. Sou alta e, erguendo um pouco os calcanhares, quase consegui cumprir meu objetivo. Para completar, apontei um dedo em sua direção.

— Se eles forem héteros chatos, *você* que vai dar um jeito de sumir com eles de lá — avisei, mesmo sabendo que “sumir com eles de lá” queria dizer dirigir por vários quilômetros pelo mato. A casa escolhida para a virada era praticamente no meio do nada, em cima do morro. Porém com uma vista privilegiada da lagoa. Havia sido difícil, confesso. Encontrar um lugar legal para o Ano-Novo em cima da hora é quase impossível. Mas o anúncio que encontrei em um daqueles sites de aluguel por temporada havia acabado de ser postado e eu encarei como coisa do destino. A casa ficava na Praia da Ferrugem, em Garopaba, uma das cidades mais procuradas em Santa Catarina nessa época do ano, mas afastada o suficiente para não ter que lidar com uma multidão. O anúncio dizia que poderíamos assistir os fogos de lá, isso eu precisava ver para acreditar. Era bom demais para ser verdade.

Nico riu da minha ameaça e jogou uma das almofadas na minha cara. Nossa conversa acabou se transformando em uma guerra infantil. Uma lembrança da última briga que tive com a Dani me veio à mente e talvez ela

tivesse razão: ela havia falado que eu tinha medo dos próximos passos de um compromisso, mas a grande questão era que talvez eu não quisesse crescer.

* * *

Tudo estava praticamente decidido um pouco antes do Natal. Talita e Bernardo realmente não passariam o Ano-Novo com a gente.

Dani não havia dado sinal de vida, então acreditei que as coisas realmente tivessem acabado depois da nossa discussão no último dia de aula, quando começamos a conversar sobre o que aconteceria no ano seguinte. Minha formatura seria no final de fevereiro e a da Dani no final de março. Ela se formaria em Ciências Contábeis e já estava com um emprego garantido na empresa do pai. Eu? Não fazia ideia do que ia acontecer.

Sempre lidamos muito bem com todas as diferenças, mas uma em especial era a pedra no nosso relacionamento: nossas famílias. A Dani se dava muito bem com os pais, mesmo eles sendo divorciados. Além disso, eles tiveram A Conversa sobre a sexualidade dela enquanto a Dani ainda estava no ensino médio, muitos anos atrás. Tirando o choque inicial, isso nunca foi uma questão para eles. Inclusive era a própria mãe da Dani que nos lembrava dos próximos passos do nosso relacionamento depois da formatura.

Beeem diferente da minha não relação com meus pais. Minha mãe, em especial. Ela simplesmente fingia que eu não existia quando surgia qualquer assunto relacionado à minha bissexualidade. Foi por isso que separei minha vida em duas partes. A real, que eu vivia o ano inteiro morando com meus amigos, e o teatro, dos eventuais encontros durante o ano com minha família. Eu não misturava os dois mundos. Não tinha qualquer possibilidade de as coisas convergirem ou coexistirem. Não importa o que acontecesse. E olha que aconteceu *muita* coisa.

No início, isso não foi um grande problema para a Dani, mas com a urgência de nos decidirmos sobre o que faríamos depois da faculdade, se tornou um ponto chave para ela.

— Acorda, Manuela — ironizou ela, estalando os dedos perto do meu rosto, logo depois de parar o carro na frente da República. — O tempo tá passando e eu não posso fazer parte dessa sua vida dupla. Como terei segurança de estar com uma pessoa que não tem coragem de falar de mim?

— Não exagera, Dani — pedi, e destravei o cinto de segurança. — Todo mundo sabe sobre a gente! Não faz sentido você exigir uma confirmação da minha família. Eles já não participam de boa parte da minha vida!

— Você nem consegue falar sobre a gente no futuro... Parece que tem medo que as coisas se concretizem — murmurou Dani, e colocou uma mecha do cabelo castanho, que havia se soltado do coque improvisado, atrás da orelha. Ela era linda. Tinha mudado muito nos últimos meses, estava mais séria, com uma postura mais responsável. A impressão que eu tinha era que ela havia amadurecido e eu ficado para trás. — A vida é pra valer, Manu.

— Só é... complicado.

Ela deixou escapar uma risada de incredulidade.

— Me avisa quando descomplicar, então.

— O quê?

— Isso que eu acabei de dizer: me avisa quando descomplicar. Quando você se entender.

— Tá terminando comigo? — perguntei, sem acreditar.

Dani deu de ombros.

— Você que sabe — respondeu, sem olhar para mim.

Não tive reação e saí do carro sem dizer nada. Ela nem fez questão de esperar e partiu logo em seguida. Me arrependi de não ter lutado por nós. Mandeí várias mensagens nos últimos dias, mas ela sabia que eu não havia descomplicado e para ela não adiantaria continuar. E para mim? Será que valeria a pena arriscar? Eu não sabia. Por isso, silencieí todas as redes sociais dela só para evitar sofrer.

Gustavo e Alina ficaram preocupados por uns dias, mas eles estavam enfrentando os próprios problemas.

— Tá todo mundo louco ultimamente — comentou Nico durante o trajeto de carro em direção a Tubarão na antevéspera do Natal.

Minha mãe havia me ligado para convidar para a ceia e aproveitei que Nicolas voltaria para passar a noite com seus pais e peguei uma carona em direção ao sul de Santa Catarina.

— Tem alguma coisa acontecendo, astrologicamente? — perguntou, olhando para mim.

O que acabou sendo bem estranho porque ele sempre desdenhou de todos os papos envolvendo signos, planetas e mapa astral e agora perguntava sobre inferno astral e o céu do momento.

— É final de ano, e todo mundo fica estressado — respondi.

— Viu só? Até você! A garota mais alto astral que eu já conheci.

— É só... — comecei e ele baixou o volume da nova música do Drake que saía pelos autofalantes para me escutar. — É muita pressão para saber o que vai acontecer no ano que vem.

A pista à nossa frente se abriu em várias vias, uma indicação de que estávamos chegando no pedágio. Nicolas reduziu a velocidade e posicionou o carro em uma das filas.

— Isso tem a ver com o sumiço da Dani? — perguntou, com cuidado.

Fazia duas semanas que a gente não se falava.

— Também.

— Quer conversar sobre isso? Você sabe que tenho um histórico de fracassos que podem colocar qualquer relação no topo da escala de perfeição, né?

Nicolas deixou escapar uma risada nervosa, o que também me fez rir, mesmo sabendo que ele estava apenas tentando me alegrar, sacrificando pequenas lembranças do próprio sofrimento. Ele passou o ano inteiro pensando na Analu, a garota que tinha conhecido no último verão e de quem, por coincidência, fui babá nos meus tempos de adolescente. Ficou com uma garota aqui e outra ali, mas todo mundo sabia que era por ela que ele suspirava pelos cantos. E, mesmo triste, se conformava em ser só um amigo. Eles viraram grandes amigos. Escolha dela.

— Você sabe que deveria seguir em frente, né? Ou pelo menos tentar fazer algo para mudar essa situação — lembrei.

Ele deu um sorriso doce e apontou para mim.

— Não adianta mudar o foco dessa conversa. Vamos lá... o que aconteceu?

Fiz um beicinho e escondi o rosto entre as mãos, nervosa por ter que falar sobre isso. Mas o que poderia fazer? Estava dentro de um carro, na fila do pedágio, com Nico. Não era como se eu pudesse abrir a porta e sair correndo.

Então, pela primeira vez, contei tudo que estava acontecendo para alguém. Sobre as últimas discussões com a Dani, que envolviam a necessidade dela de se envolver mais comigo. Sobre querer que eu falasse mais dela para a minha família. E que a gente começasse a planejar o nosso futuro.

Diferentemente de quando tive a última conversa com a Dani, contei o que aconteceu sem conseguir segurar as lágrimas. Era como se o Nico tivesse insistido tanto a ponto de eu não conseguir mais conter as emoções que estava reprimindo.

— Então ela acha que eu não a levo a sério. Que eu não levo nada a sério — contei, encarando os carros lá fora e com as cenas muito vívidas na memória. Limpei as lágrimas do rosto e finalmente olhei para o meu amigo. — Que eu deveria crescer. Que a vida já está batendo na porta e não sou mais adolescente. E o grande problema é esse: não sou mais adolescente há muito tempo. Tive que me ferrar muito para chegar até aqui. Seria muito mais fácil pra mim se eu tivesse simplesmente aceitado o que esperavam de mim. Então agora ela quer que eu retome contato com a minha família, que me trouxe tanto sofrimento e da qual não foi nada fácil me afastar, apenas para se sentir reconhecida. Para achar que é sério. Não posso fazer isso.

— As pessoas têm necessidades diferentes, Manu.

A frase de Nico ecoou pela minha cabeça e por mais que eu tenha percebido que ele falou como um conselho para mim, eu tinha certeza que era quase um lembrete para ele mesmo.

— Ela esperava fazer parte de uma vida completa, não de metade — complementou.

— Eu sei. E não posso entregar isso a ela. Não agora. Talvez nunca possa.

— Você acha que a Dani é o amor da sua vida?

A pergunta me pegou desprevenida. Não tinha resposta.

— Não sei.

— Então talvez não seja — disse ele simplesmente. — Você saberia.

— Isso é bom?

— Depende do ponto de vista — respondeu. — Algumas pessoas têm medo de encontrar o amor da vida. Você é uma delas?

— *Vida* é... muito tempo.

Sabia que não havia respondido o que ele perguntou, mas foi o suficiente.

— Você é, sim — concluiu, sorrindo, e então me deu um soquinho no ombro. — Você vai sobreviver, Manu. Mas deveria deixar as pessoas se aproximarem. Só para variar um pouco.

— Olha quem fala!

— Faça o que eu digo e não o que eu faço. — Nico desviou a atenção para os carros à frente, a fila finalmente começou a andar. — Como você acha que eu aprendi isso tudo? Quebrando a cara.

* * *

Nicolas me confirmou que três amigos dele iriam na festa de Ano-Novo: Vinícius, Yuri e Roger. Tentei persuadi-lo a convidar Analu, mas ele simplesmente revirou os olhos e resmungou alguma coisa que não entendi. Foi por isso que decidi agir em segredo alguns dias antes do Natal e mandei uma mensagem para ela no Instagram.

@manumanu: E aí, Analu! Como está sendo SP?

@analuuu: Manu! Está maravilhoso! Passei por uns perrengues, mas as coisas vão se ajeitando. E você? Como estão as coisas por aí?

@manumanu: Tentando colocar a vida dos meus amigos em ordem, como sempre. Vai voltar pra SC no Ano-Novo?

@analuuu: Sim! Não tem muita graça passar o Ano-Novo aqui. Só que ainda não decidi o que vou fazer, já que os MEUS amigos parecem ter programas muito mais interessantes que eu. Acredita que até o Yuri já tem planos com o boy dele?

Foi nesse momento que lembrei de onde conhecia o Yuri, amigo do Nico que iria passar o Ano-Novo com a gente. Isso só confirmou que eu estava fazendo a coisa certa. Então agradei a ajudinha do destino: agora era a minha vez de fazer algo.

@manumanu: Pera aí! O Yuri é seu amigo? Ele vai passar o Ano-Novo com a gente! Por que você não vem também?

@analuuu: Tá falando sério? O Yuri? Meu Deus! Que mundo pequeno.

@manumanu: Simmm! Então tá combinado, vamos passar o Ano-Novo juntaaaaas! Vamos todos para uma casa no meio do nada. Vai ser MARAVILHOSO!

@analuuu: Sério? Não vou atrapalhar?

@manumanu: Atrapalhar? Você tá ficando louca? Já estou contando com você.

@analuuu: Ai, ai... acho que vou aceitar o convite então! hahahaha

Mas antes que meu plano funcionasse eu precisaria ter *uma* certeza.

@manumanu: Vai trazer alguém de SP? Assim já começo a ver a logística de quartos e colchões por aqui.

@analuuu: hahahaha

Ah, não. Uma risada.

Ela continuou digitando e eu esperei com o coração acelerado.

@analuuu: Vou sozinha.

ISSO AÍ!

@manumanu: Fechado! Anota meu número para que eu vá te deixando por dentro de tudo. Vai ser o máximo!

E foi nesse momento que voltei a agir como a Manu de sempre: o cupido dos meus amigos. Não havia nada que uma interferência aqui e ali não pudesse ajudar. Bem mais fácil lidar com relacionamentos quando eu não era uma das partes envolvidas. Porém tive vontade de morrer quando Nicolas mandou uma mensagem no nosso grupo no dia de Natal, perguntando se poderia convidar mais uma pessoa.

Manu: Que tipo de pessoa?

Gustavo: Por mim tudo bem.

Alina: Por mim também.

Nicolas: Do tipo homo sapiens sapiens.

Lá vinha o Nicolas com esse papo de biólogo. Ele estava indo para o quarto semestre do curso e na fase de encaixar qualquer coisa de nerd da ciência nos papos.

Manu: Vai querer colocar mais um hétero naquela casa? Acho que não vou suportar.

Nicolas: É hétero, mas do sexo feminino. Uma amiga.

UMA AMIGA. Amiga. Nico provavelmente deveria ter arrumado uma peguete nesse meio-tempo que voltou para passar o Natal com a família. Passou o ano todo solteiro e resolveu piriguetar bem quando já fiz planos para ele! Eu tinha que reconhecer que Nico era realmente um homão da porra e muito gato, mas poderia ter esperado mais um pouquinho para encontrar alguém, né?

Manu: Não podemos.

Alina: Lá vem a Manu com o ciúme de amigos de novo...

Manu: Gente, calma. Vocês sabem que a casa tem limite de pessoas. O proprietário não vai gostar.

Nicolas: A casa tem limite para 8 pessoas, Manu. Eu vi no print que você mandou quando estava procurando a casa. Estamos em 7.

Errado! Estamos em oito!!! OITO! Mas eu não poderia falar isso. Por que o Nico tinha que ser tão observador?

Manu: Na verdade estamos em 8. Vou levar uma pessoa.

Precisei apelar.

Nicolas: Como assim você vai levar uma pessoa? E não falou pra ninguém?

Manu: Não sei se você lembra, mas sou eu quem estou organizando essa bagaça e todo mundo tá levando alguém. Eu tenho direito.

Alina: Ei, Manu... calma.

Gustavo: É a Dani?

Ora, ora... Lembraram que eu tinha uma namorada? Pararam de pensar no próprio umbigo?

Manu: Não.

Sim, mandei com um ponto final e tudo. Um “não” com ponto final tem o seu impacto. Todo mundo sabe disso.

Gustavo: Eita.

Nicolas: Hm... beleza. Vou ver o que vou fazer. Nada que uma barraca no gramado não dê um jeito.

Manu: O proprietário não deixa.

Eu estava ficando desesperada.

Nicolas: É Ano-Novo, Manu! Deixa de ser implicante. Me passa o e-mail desse proprietário que eu converso com ele.

Nicolas: Além disso, até parece que ele realmente vai conferir na véspera de Ano-Novo se tem exatamente o número de pessoas. Relaxa...

Eu fiquei sem saída. Considerei até mesmo passar um e-mail falso, mas seria um empenho muito grande. Se o Nicolas queria acabar com meu plano perfeito, o problema era dele. Estava louca para ver a cara de idiota que ele faria quando soubesse *quem* era minha convidada.

Foi por isso que mandei o contato certo do proprietário para o Nicolas e duas horas depois éramos um total de nove pessoas para a virada de ano na Casa do Morro, no meio do nada.

Seria ótimo.

Por que eu havia inventado mesmo esse Ano-Novo?

De uma coisa eu tinha certeza: teria que beber bastante nas sessões de desabafos para as quais seria convocada em todos os cantos. Se bobear, até a garota misteriosa do Nicolas me chamaria para conversar sobre qualquer coisa, porque eu sou esse tipo de pessoa. Eu tinha uma placa no topo da minha cabeça escrito “desembuche seus problemas aqui”.

Mas eu precisava admitir: era sempre divertido.

No dia em que pegaríamos a estrada até a Casa do Morro, recebi uma mensagem da Talita. Por um minuto fiquei animada, pensando que ela poderia ter mudado de ideia, mas um balde de água fria veio logo em seguida.

Talita: Miga, espero que esse ano-novo seja incrível. Vou fazer de tudo para aparecer no dia primeiro por lá e curtir um pouco a chegada desse novo-ano com meus melhores amigos. Você sabe como isso é importante pra mim, né? Te amo. Muito.

Quase chorei, confesso. Uma espécie de bola de angústia se formou na minha garganta, mas respirei fundo e respondi da melhor forma que pude:

Manu: Te amo também, miga. Aproveita bastante e eu espero por ti! <3

Recebi um coração de volta. Ficaria tudo bem. Um dia eu superaria. Quem sabe. Eu era boa em superar coração partido por relacionamento amoroso, mas pequenos deslizos de amigos eu não esquecia tão cedo.

— Tá pronta, Manu? — perguntou Alina, me despertando dos meus devaneios.

No dia seguinte ao Natal, fui para a casa dos pais de Alina em Laguna, eles praticamente haviam me adotado depois da primeira vez que os visitei no feriado de Páscoa, quase dois anos antes. O irmão dela havia crescido, mas ainda ficava sem jeito com a minha presença. Era divertido. Algo

completamente diferente da minha família. Era estranho se sentir melhor longe daqueles que deveriam ser seu porto seguro.

— Claro — respondi. Levantei do muro baixo que cercava a casa onde eu estava sentada e coloquei a mochila nos ombros. — A gente não pode esquecer de passar na rodoviária — lembrei.

Eu havia combinado com Analu de pegá-la na rodoviária de Laguna, assim ela poderia ir com a gente para a casa. Não havia contado a ninguém ainda, mas a surpresa não duraria muito tempo.

— Você vai continuar fazendo mistério sobre a convidada especial? — perguntou Gustavo, me olhando sobre os óculos escuros, antes de entrar no carro no lugar do motorista.

Eu sorri e virei para a mãe de Alina, ignorando totalmente a pergunta.

— Tchau, tia! — disse e a abracei. — Obrigada por serem incríveis como sempre.

— Ah, querida. Você sabe que é sempre bem-vinda!

Recebi um beijo na bochecha e então seu olhar repousou na filha e no genro, já dentro do carro.

— Juízo, crianças! Cuidado na estrada!

Alina revirou os olhos, mas assentiu, e Gustavo sorriu em resposta.

— Pode deixar, sogrinha.

— Odeio que me chamem de sogrinha — comentou Dona Miriam baixinho para mim e sorriu em direção a Gustavo. — Mas eu amo o Gustavo.

Peguei o recado.

— Pode deixar que dou um toque nele.

Pisquei em cumplicidade e corri para o carro antes que meu amigo começasse a buzinar.

— Preparados para o Novo-Ano? — perguntei, animada, assim que me acomodei no banco de trás.

Gustavo apenas olhou de esguelha para Alina e ela desviou a atenção para a janela como se houvesse algo muito mais interessante do lado de fora.

FELIZ ANO-NOVO, GALERA!

Quando encontrei a Analu na rodoviária cheguei a tomar um susto com a mudança de atitude daquela garota. Um ano em São Paulo havia feito muito bem para ela. Seus cabelos caíam em ondas um pouco abaixo dos ombros e o ar ingênuo de menina havia ficado para trás, dando lugar a uma expressão decidida. Uma tatuagem de um conjunto de flores se emaranhava próxima ao ombro direito e terminava quase no cotovelo. Trazia uma mochila preta nos ombros e abriu um sorriso assim que me viu ao descer do ônibus.

— Você está maravilhosa! — elogiei depois de um abraço apertado. — O que aconteceu?

Analu deu de ombros e abaixou a cabeça, levemente envergonhada.

— Acho que tô aprendendo bastante sobre mim mesma.

Balancei a cabeça, concordando. Eu conhecia esse sentimento.

Enlacei meu braço no dela e a conduzi até o carro dos meus amigos.

— Esse Ano-Novo vai ser demais! — comemorei.

— Tô ansiosa pra rever o pessoal que eu já conheço... — comentou Analu.

Não consegui evitar dar uma piscadela em resposta, meu *ship* era maior que eu. Ela entendeu o que eu quis dizer e me deu um tapa de leve no ombro.

— Somos apenas amigos, você sabe — lembrou.

— Claro que sei...

Quando nos aproximamos do carro, eu quis dar um tapa na cara da Alina e do Gustavo. Eles nem ao menos disfarçaram a surpresa quando avistaram Analu. Eles não a conheciam pessoalmente, mas sabiam quem ela era de tanto que o Nico falava.

A Alina foi a primeira a se recuperar depois que arregalei os olhos em sua direção para que deixasse de ser boba.

— Pessoal, conheçam a famosa Analu — apresentei assim que entrei no carro, Analu vinha logo atrás de mim.

— Famosa? — disse ela, confusa, mas ignorei a pergunta.

— Oi, sou a Alina! Escutamos muito sobre você...

Gustavo acenou pelo retrovisor e deu a partida no carro. Eu tinha certeza de que iria escutar um sermão assim que ele conseguisse ficar sozinho comigo. Se dependesse de mim, isso não aconteceria tão cedo. Pelo menos não até meu plano funcionar.

Ainda bem que eu não fazia a tímida, porque, se dependesse dos meus amigos para deixar o clima menos estranho durante todo o trajeto de uma hora até o nosso destino, eu estaria na mão. Aproveitei para saber das novidades da vida de Analu. Como estava na universidade, o novo estágio em uma produtora de vídeos para internet e a relação com a família depois do rompimento complicado.

— E os *boys*? — perguntei, interessada. — Os caras de São Paulo são diferentes?

Um sorriso sem animação apareceu em seu rosto e pude perceber que era um assunto delicado para ela.

— O que a gente menos encontra em São Paulo são pessoas de São Paulo, né? — brincou. — Conheci alguns caras legais, sim. Diferentes daqui. Mas continuam sendo *homens*.

Ela concluiu a frase com uma entonação de piada interna cheia de significado que nós, mulheres, sempre usamos quando o assunto é homem.

— Sem ofensas — disse Analu para Gustavo, mas ele apenas riu. Já estava acostumado convivendo com tanta mulher em casa. Ele sabia que não deveria soltar o famoso “nem todo homem, mimimi”. Bastava para o meu amigo saber que ele não era assim. Já havíamos passado por muita coisa nesse sentido de desconstrução do machismo. — Não quero ocupar a cabeça com esse tipo de coisa agora. O que é um saco, porque sempre que digo isso aparece alguém do nada pra me confundir.

Alina olhou para trás e levantou as sobrancelhas, e mostrei a língua em resposta. O que eu poderia fazer? Já estávamos todos destinados a nos encontrar. Só esperava que o Ano-Novo não virasse uma edição de *A Fazenda*.

Dos males o menor: eles poderiam continuar sendo apenas amigos.

E eu esperava ainda ter amigos.

Eu achei *mesmo* que ficaria sem amigos depois de ver a expressão do Nicolas para mim assim que viu Analu. Ficou tão vermelho que os cabelos raspados só colaboraram para que ele parecesse um balão prestes a explodir. Ela estava de costas tirando fotos da vista para a lagoa, quando ele se aproximou, e não viu Nicolas chegando.

— Você vai me explicar? — perguntou, com raiva, quando chegou perto de mim.

Fiz minha melhor expressão inocente.

— Ah, o quê?

— Por que você não para de se meter na vida das pessoas, Manu? Deveria se preocupar com seus problemas antes de achar que a vida dos outros é *The Sims*.

Fiquei impressionada com a grosseria gratuita.

O tom de voz dele foi um pouco mais alto, por isso Gustavo se aproximou.

— Ei, também não é pra tanto Nicolas... — disse ele, tentando acalmar os ânimos.

— Cara, eu tô cansado... — Nico olhou em direção a Analu, mas ela estava distante e interessada demais na paisagem para escutar. Então voltou a me encarar, sério. — Só me deixa em paz, tá?

As palavras do Nicolas me pegaram tão desprevenida que não consegui responder. Senti um aperto no peito, como se alguém estivesse impedindo meu coração de bater. Eu não gostava de discutir com meus amigos, doía demais.

Alina percebeu que eu não estava passando bem e veio me abraçar quando Nicolas se afastou. Roger, Vinícius e Yuri observaram a conversa de uma grande varanda. Não tenho certeza se conseguiram ouvir, mas ficou óbvio por suas expressões envergonhadas que sabiam que havia rolado um desentendimento.

— Ele foi muito babaca — disse Alina, tentando me acalmar.

— Você sabe que ele tem um pouco de razão, né? — comentou Gustavo com delicadeza, mas isso não impediu que doesse menos.

Alina olhou feio para ele em resposta.

— Vai ser um escroto também?

Meu amigo respirou fundo e assentiu, então se afastou também.

— Nossa, esse lugar é lindo! — elogiou Analu, alegre. — Fiz várias fotos ótimas, querem ver?

Só então ela percebeu nossas expressões e franziu a testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Acho que a Manu comeu algo estranho e tá passando mal — explicou Alina. — Vou levar ela lá pra dentro.

— Nossa, precisam de ajuda?

— Não... — interrompeu Alina, impaciente, mas então abrandou o tom e indicou o caminho até a parte da frente da casa. — Os meninos chegaram, você deve estar morrendo de saudades do Nicolas e do Yuri.

No mesmo momento os olhos da Analu brilharam. Não me preocupei em tentar desvendar o motivo. Não importava mais...

— Eu vou me deitar um pouco, tá? — falei para Alina assim que a Analu se afastou.

— Mas...

— Só preciso ficar um pouco sozinha.

Alina mordeu o lábio, mas assentiu e não impediu. Eu me tranquei no primeiro quarto que vi pela frente — ainda não havíamos dividido entre os hóspedes — e chorei por pelo menos uma hora. Escutei as risadas altas e a música que colocaram em algum momento.

Eles estavam se divertindo enquanto eu só queria sumir.

Mais tarde eu conheci a garota misteriosa do Nicolas. Ela realmente existia. Sté era como todos a chamavam. Um apelido para Stephanie. Era uma colega de laboratório do Nico e, segundo Gustavo, eles estavam ficando há algumas semanas. *Parece sério*, ele me disse. Tenho certeza que ele quis me alertar para não fazer besteira de novo. Eu não ia fazer. Lavei minhas mãos.

Sté ainda estava um pouco tímida, algo normal para quem acaba de conhecer um monte de amigos do carinha com quem você estava ficando de uma vez, com o bônus de ter que passar três dias na mesma casa que eles. Resolvi não sondá-la, cumprimentei de longe quando fomos apresentadas e fiquei na minha. Com certeza teríamos oportunidade de nos conhecer.

Yuri e Vinícius ficaram responsáveis pelo jantar. Não deixaram ninguém entrar na cozinha enquanto não estivesse tudo pronto e demoraram tanto que corremos em manada quando nos chamaram para comer.

Era um prato simples: macarrão com carne moída. Ninguém tinha dons culinários muito desenvolvidos ali. Mas estava bom, isso que importava. Um alvoroço começou para abastecer os pratos. Analu, coitada, sentou-se ao lado da panela de macarrão e mesmo que tivesse sido a primeira a pegar comida, não conseguia enxergar seu prato com tantos braços ao redor.

— Vocês parecem uns bichos! — comentou Yuri, assustado com a cena.

Enquanto Analu tentava despejar um pouco de batata palha em cima do prato, Roger esbarrou na sua mão e fez com que quase metade do pacote derramasse em cima do macarrão dela.

Todo mundo parou por alguns segundos.

— Desculpa — murmurou Roger, baixinho, prendendo o riso.

— Eu sei que você gosta de batata palha, Analu, mas poderia deixar o restante pra gente, né... — disse Yuri, piscando para a amiga.

Analu ficou extremamente vermelha e mordeu os lábios.

— Podem pegar, galera — ofereceu, colocando seu prato um pouco mais para a frente, para que as pessoas pudessem tirar o excesso de batata palha dali.

Eu nunca havia visto uma cena tão estranha, engraçada e aleatória na vida. Pelo menos serviu para que a nuvem carregada que pairava sobre mim fosse embora.

— A gente sabe que tá íntimo de uma pessoa quando pode pegar batata palha do prato da amiga — comentou Yuri, pegando um punhado do prato de Analu.

— Da próxima vez a Analu deveria trazer seu próprio pacote de batata palha. Vocês não acham? — Nicolas piscou para ela, o que fez com que ela sorrisse. Nada de constrangimento afetivo, eles eram apenas amigos. E eu uma idiota.

— Eu gosto de batata palha — declarou Analu com um biquinho.

— A gente percebeu — disse Vinícius.

Todos riram.

Nico sentou ao meu lado depois que se serviu e isso me deixou um pouco nervosa. Fiquei concentrada no prato a minha frente, mas ele tocou no meu braço de leve, chamando atenção.

— Desculpa, tá?

Concordei com a cabeça, esbocei um sorriso e voltei a atenção para o macarrão.

— Vai fazer o bolo de cenoura amanhã, Manu? — perguntou Alina. — Você prometeu!

— Nossa, será que finalmente vamos comer o famoso bolo de cenoura da Manuela? — brincou Nico. — Isso para mim é lenda.

— Você não viveu os bons tempos da República — disse Gustavo. — Quando ela aprendeu a receita, fez bolo de cenoura por semanas.

— Eu só estava desenvolvendo a técnica — me defendi.

Gustavo levantou as mãos.

— Não estava reclamando!

— Nossa, eu amo bolo de cenoura! — comentou Roger, seguido de comentários em concordância de Vinícius, Yuri, Analu e até Sté.

— Bom, se é para felicidade geral da nação... eu faço bolo de cenoura — declarei, satisfeita, empinando o nariz.

— Eu raspo a panela de cobertura! — anunciou Gustavo.

Alguns deixaram escapar a decepção. Revirei os olhos. Ao mesmo tempo que a vida batia na porta para avisar “ei, ajam como adultos!”, momentos como aquele me lembravam que nem tudo girava em torno do nosso futuro. A não ser quando você precisa dar *dibs* com antecedência na panela de cobertura de chocolate. Aí você precisa ser rápido!

Eu sempre achei que nós, do hemisfério sul, temos sorte de ser verão no Ano-Novo. Natal pode até ser legal com neve e tal, porque fomos criados assistindo a filmes americanos e com um Papai Noel que passa calor dentro daquela roupa vermelha. Mas o réveillon? Não seria o mesmo se estivéssemos no inverno. Era minha data festiva favorita. A oportunidade de começar de novo. Um ano novinho pela frente. Eu sabia que era algo simbólico e todo dia podemos recomeçar e blá-blá-blá. Mas tudo isso me dava... esperança.

O dia 31 foi como um dia de férias de verão qualquer: praia, calor, e creme pós-sol depois do banho, quando percebi que estava um camarão. Resolvemos não perder tempo com muitos preparativos para o último jantar do ano, mas algumas superstições estavam garantidas: levei romã, Sté preparou lentilhas e Roger estava de amarelo dos pés a cabeça. Parecia o Pato da FIESP, mas não comentei em voz alta, não queria trazer má sorte para o grupo.

Era interessante ver como os desejos mais latentes das pessoas ficavam evidentes na virada. No meu caso, decidi passar de roupa preta. Um vestido soltinho de alças e um par de Havaianas. Pode parecer assustador e um ultraje vindo de alguém que gosta tanto de Ano-Novo, mas a única vez que

passei a virada de roupa preta tive o melhor ano da minha vida. Eu estava precisando de um incentivo para os próximos 12 meses.

— Meio estranho, não? — disse Gustavo encarando meu vestido. — Tá de luto?

— Pelo contrário.

Eu estava sentada na beira da piscina, nos fundos, e ele se sentou ao meu lado. Todas as outras pessoas estavam espalhadas pela casa bebendo, conversando ou preparando os rituais da virada. Alguém colocou uma playlist de funk e Alina e Sté tentavam fazer o quadradinho sem sucesso.

— Sinceramente sincero? — propôs Gustavo, uma brincadeira antiga de convocação de uma conversa honesta. Há muito tempo não usávamos essa carta.

Assenti e ele deu um longo suspiro.

— Eu e Alina vamos terminar — desabafou.

Concordei. Ele sabia que ela havia me contado.

— Não era gravidez, afinal. — Tentei brincar. Seu olhar não me deu muita certeza da sua preferência. — Foi a decisão de vocês?

— Dela. Eu aceitei.

— Você sabe que ela não poderia recusar, né?

— De jeito nenhum! — Ele passou a mão pelo rosto, estava exausto. — Eu não deixaria ela desistir. Mas ela só vai se dedicar de corpo e alma se não tiver vínculo aqui no Brasil. Não quero que ela se arrependa.

— Como você está?

Um sorriso triste escapou dos seus lábios.

— Péssimo. Mas eu vou esperar.

Olhei confusa para ele.

— Ela não sabe, mas eu vou esperar por um ano — explicou. — Não tenho o mínimo interesse de ficar com outras garotas. — Ele deu de ombros e olhou em direção a futura-ex-namorada, que havia desistido do quadradinho e apenas improvisava uma coreografia qualquer. — Vou me dedicar à residência que começa em breve e esperar. Não é muito tempo.

— E você não vai se arrepender?

— É uma escolha que eu fiz, Manu. Vou arriscar. Temos mais alguns meses juntos...

Era difícil escutar os dois lados. Eu conseguia entender ambos e ao mesmo tempo não entender nenhum.

— Queria ter a sua certeza em relação ao amor, ou pelo menos a coragem para arriscar.

Gustavo passou o braço esquerdo por cima dos meus ombros, e apertou de leve.

— Você é uma das garotas mais corajosas que eu conheço.

Revirei os olhos.

— É verdade! — continuou. — Já passamos por muita coisa juntos, sabe disso. Não é de coragem que você precisa. E certeza sobre o amor você nunca vai ter. Ninguém tem. Só vai ter a resposta quando chegar ao fim.

— Ei, vocês dois! — chamou Nico. — É véspera de Ano-Novo! Vão ficar aí tristes?

Gustavo virou para ele.

— A gente já vai! — avisou. Nico assentiu e Gustavo voltou a olhar para mim. — Conversei com a Dani.

Meu coração disparou no mesmo instante. Não sei se pela menção ao nome dela, pelas lembranças que eu estava tentando evitar ou pelo simples fato de não saber qual seria a versão dela.

— Você deveria acreditar em vocês — aconselhou. — Ela não está te pedindo em casamento, só um pouco mais de confiança.

— É difícil, Guto... Eu não sei nem o que vai ser da minha vida depois da formatura. Como vou construir algo com alguém?

Meus olhos se encheram de lágrimas e olhei para cima para não deixá-las cair.

— Olha pelo que você está passando. Tudo pode mudar de uma hora pra outra. Eu só queria continuar de forma leve. Sem exigências ou provas de amor.

— Posso te dar um conselho, Manu?

Concordei.

— Você experimenta a felicidade na mesma intensidade que se dispõe a arriscá-la. Você consegue viver a vida superficialmente. — A risada da Alina chamou nossa atenção e Gustavo a observou por um instante. — Mas que graça teria não arriscar algumas certezas apostando no que pode ser mais incrível, mesmo que uma grande surpresa?

Ele me deu um beijo no topo da cabeça e logo em seguida nos juntamos aos nossos amigos. Queria entender quando Gustavo ficou tão profundo, mas seu conselho me deixou pensativa a noite toda.

Faltando um minuto para a meia-noite, nos posicionamos no gramado que tinha vista para a lagoa, com garrafas de espumante a postos, taças de plástico douradas nas mãos e expectativa para a queima de fogos no céu que estava no anúncio.

— Cinco segundos! — anunciou Yuri olhando para o relógio.

— Quatro — falamos em coro. — Três... Dois... Um... FELIZ ANO-NOVO!

Todos gritamos e o show de fogos começou. O proprietário tinha razão, a vista era espetacular porque a comemoração na Praia da Ferrugem, bem além da lagoa, explodia no céu e conseguíamos ver praticamente de camarote.

Gustavo teve problemas para estourar uma das garrafas. Sacudiu, sacudiu, sacudiu, mas não deu certo... Nico foi ajudá-lo e enquanto isso Sté já havia estourado com sucesso a sua e começou a derramar nas taças.

— Deixem isso de lado e venham brindar — chamei.

— É questão de honra — resmungou Gustavo, fazendo força para que a rolha desentalasse.

Ele tentou chacoalhar mais umas duas vezes e, por fim, a rolha se soltou e quase bateu na sua testa.

— FELIZ ANO-NOVOOOO! — Todos comemoraram mais uma vez, brindando e virando boa parte do conteúdo no gramado.

— Adeus ano veeeelho — começou a cantar Alina e todos acompanharam.

Cantamos a música mais umas dez vezes ao longo da noite. Cada vez que alguém deixava algo cair, tropeçava ou simplesmente estava com vontade puxava novamente a música tradicional da virada do ano.

Eu fiquei feliz por passar esse momento com meus amigos. Cada um ali tinha as próprias angústias para lidar ao longo do ano, mas aquela noite era um momento de esperança. Uma pausa para começar de novo. Uma faísca para arriscar algo novo.

Foi aí que tomei uma decisão.

— Vocês podem me deixar na casa da Dani? — pedi para Alina e Gustavo assim que nos aproximamos da entrada de Pedra Azul.

Havíamos deixado a casa no fim da tarde do primeiro dia do ano. Analu voltou para o sul com Nicolas e Sté. Ficaria mais alguns dias na casa dos pais antes de voltar para São Paulo.

— Ela vai estar em casa hoje? — questionou Alina.

Eu não fazia ideia, nem sabia onde ela havia passado a noite. Espero que não tenha sido sozinha.

— Não sei — respondi, baixinho. — Só me deixem lá, ok?

Alina e Gustavo se entreolharam, mas não questionaram. Menos de dez minutos depois eu estava na frente do prédio da Dani. Encarei o interfone e respirei fundo antes de apertar o número 3. Ela morava sozinha, em um apartamento de um quarto, mas grande o bastante para ela e o gato laranja que ela chamava de Jax Teller, por causa de *Sons of Anarchy*.

Prendi a respiração enquanto escutava a campainha chamar. Uma, duas, três... chamou tempo bastante para ficar em silêncio logo em seguida. Tentei mais uma vez. Nada. Comecei a me questionar se era um aviso do destino, dizendo que eu tinha tomado a decisão errada. Será que eu estava simplesmente agindo de forma impulsiva? A virada de ano havia me deixado sentimental demais?

Tentei uma última vez.

O interfone tocou até parar.

Não era para ser...

Um sentimento de tristeza tomou conta de mim, mas eu havia entendido o recado. Assim que me virei para descer os degraus e ir para casa, escutei alguma coisa.

— Oi? Alô? — Uma voz vinha do interfone. — Ainda tá aí?

— Oi — deixei escapar meio sem forças. — Sou eu.

— Manu?

— Sim... posso subir?

Alguns segundos se passaram e escutei o som da porta do hall de entrada sendo destrancada.

— Abriu?

— Sim! Tô subindo...

1 ANO DEPOIS

Manuela & Danielle

convidam para a cerimônia de casamento

14 de maio (sábado) às 18h

Democratas Pub

Rua Caminho das Flores, 175 — Pedra Azul — SC

Mãe, sei que nunca tivemos a oportunidade de falar disso com seriedade e franqueza. Mas realmente gostaria da sua presença neste dia. Será importante para mim e para a Dani. Você precisa conhecê-la! Ela é fantástica! De verdade. Tenho certeza que você teria muito orgulho dela, assim como eu tenho.

Vou esperar por você. Nós vamos.

Eu te amo,
Manu

Bom ano

Canal da autora no Youtube:

<https://www.youtube.com/channel/UC3kfc-8i69ak-J3GLpwJwlw>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/apamgoncalves>

Site da autora:

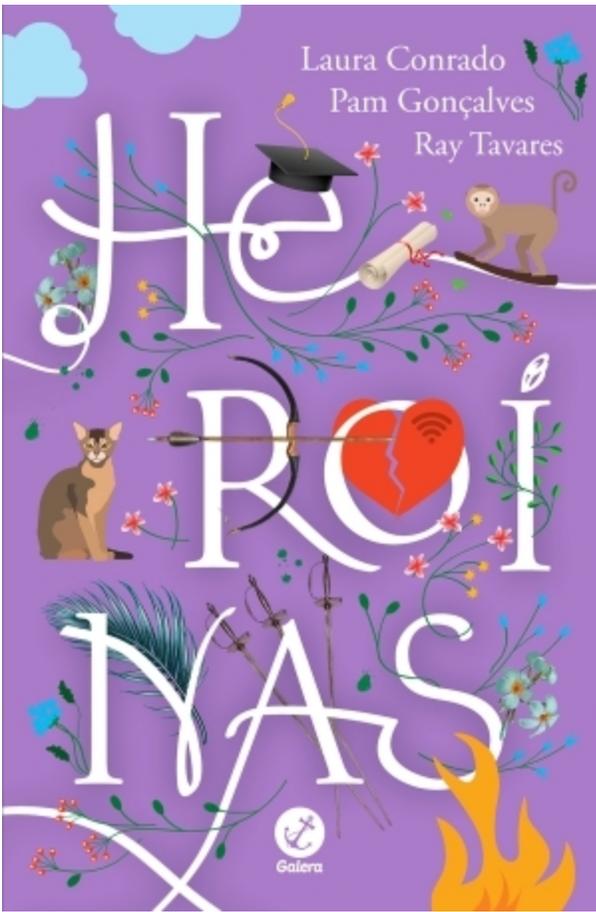
<http://www.pamgoncalves.com/>

Instagram da autora:

<https://www.instagram.com/apamgoncalves/?hl=pt-br>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Laura Conrado
Pam Gonçalves
Ray Tavares



Heroínas

Conrado, Laura
9788501100887
256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que reúne clássicos reinventados para inspirar heroínas. Das histórias clássicas às contemporâneas, os meninos estão por todo lugar. Empunhando espadas, usando varinhas mágicas, atirando flechas ou duelando com sabres de luz. Mas os tempos mudam e as histórias também. Com discussões feministas cada vez mais empoderadas e potentes, meninas exigem algo que sempre foi entregue aos meninos de bandeja: se enxergar naquilo que consomem. Laura Conrado imaginou as três mosqueteiras como veterinárias de uma ONG que contam com a ajuda de uma estudante que não hesita em levantar seu escudo para defender os animais. A Távola Redonda de Pam Gonçalves é liderada por Marina, que, diante do sumiço do dinheiro que alunos de sua escola pública arrecadaram para a formatura, desembainha a espada e reúne um grupo de meninas para garantirem a festa. E Roberta é a Robin Hood de Ray Tavares. Indignada com a situação da comunidade em que vive, a garota usa sua habilidade como hacker para corrigir algumas injustiças. Este é um livro no qual as meninas salvam o dia e são o que são todos os dias na vida real: heroínas. Finalmente.

[Compre agora e leia](#)



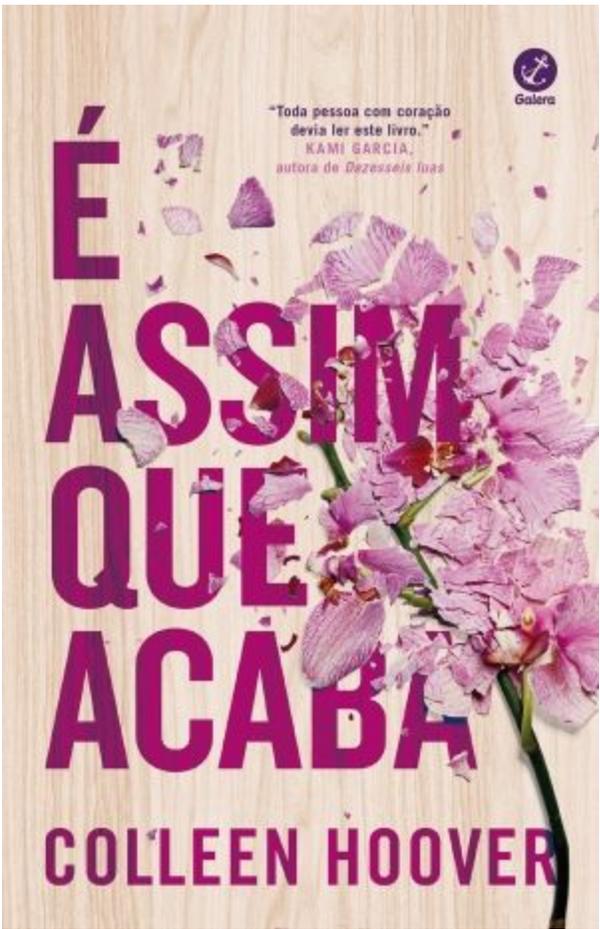
13 segundos

Rodrigues, Bel
9788501035110
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

O primeiro livro solo de Bel Rodrigues mostra como o machismo pode, em apenas treze segundos, mudar completamente a vida de uma garota. Lola está no último ano do ensino médio e acabou de terminar um relacionamento. Ela sabe que foi a melhor decisão, mas ainda assim não é fácil encarar o vestibular e um coração partido ao mesmo tempo. Tudo o que Lola quer agora é colocar a vida em ordem, descobrir a si mesma e reavaliar suas prioridades. Sua maior paixão é o canto e, por isso, incentivada pelos amigos, ela cria um canal no Youtube onde posta covers de suas músicas favoritas. Ela também quer se divertir, sair para beber com os amigos e conhecer pessoas. Em uma dessas noites que ela se envolve com John. O que era para ser só uma noite acaba ficando mais complicado quando ela descobre que ele faz intercâmbio no colégio dela... E do ex. Lola não quer se envolver, mas é difícil ignorar John, com todo aquele charme canadense. E, quando tudo parece ter se alinhado, treze segundos são suficientes para mudar drasticamente a vida da garota. 13 segundos é um livro potente, que dialoga com os julgamentos que mulheres jovens enfrentam cotidianamente simplesmente por buscarem serem livres, por quererem ser elas mesmas.

[Compre agora e leia](#)



“Toda pessoa com coração
devia ler este livro.”
KAMI GARCIA,
autora de *Dezesseis Invas*



É ASSIM QUE ACABA

COLLEEN HOOVER

É assim que acaba

Hoover, Colleen

9788501113498

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS



TRONO VIDRO

IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO I

Império de tempestades - Trono de vidro - vol. 5 - Tomo 1

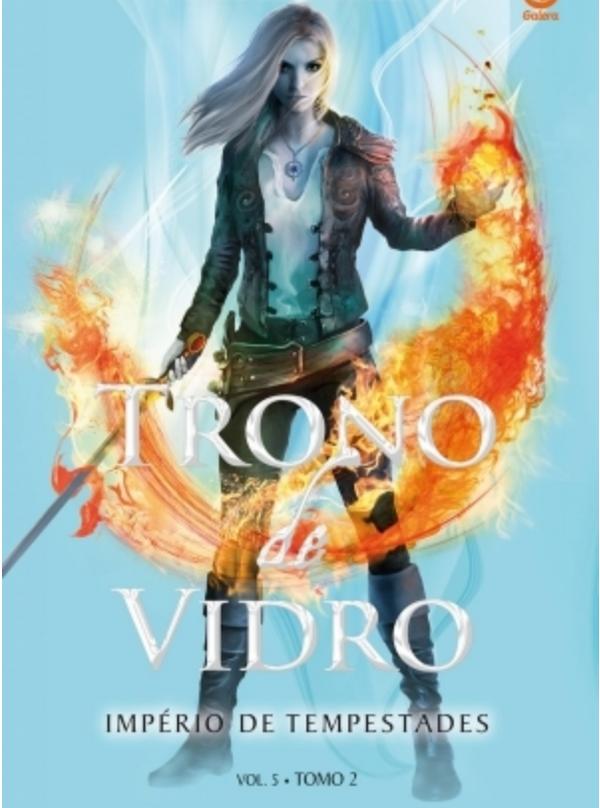
J. Maas, Sarah
9788501110329
331 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história de Aelin Galathynius, sempre repleta de repleta de ação, intriga e cenas de luta inesquecíveis, continua neste quinto e penúltimo volume. Antes de serem traídos pelo atual rei, os Galathynius reinaram em Terrasen por séculos. E agora Aelin deseja recuperar a coroa e voltar a seu trono de direito..., mas o caminho até lá é longo e sinuoso. Amigos serão perdidos, lealdades serão quebradas e alianças inesperadas surgirão. Com a vida e poder jurados ao povo que está determinada a salvar, a antiga assassina, conhecida como Celaena Sardothien, colocará a própria segurança em risco para proteger os seus. Mas a única salvação está numa relíquia enterrada nas ruínas de um velho pântano.

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS



TRONO DE VIDRO

IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO 2

Império de tempestades - Trono de vidro - vol. 5 - Tomo 2

J. Maas, Sarah
9788501110336
322 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história de Aelin Galathynius, sempre repleta de ação e intrigas, continua nesta segunda parte do quinto livro da série, Império de tempestades. Aelin Galathynius sobreviveu a prisão, à perda de amigos e amores, às traições. Agora deve vencer seu maior medo para salvar o mundo. Com a vida e poder jurados ao povo que está determinada a salvar, a antiga assassina, conhecida como Celaena Sardothien, colocará a própria segurança em risco para proteger os seus. Mais que nunca, Aelin precisa de Rowan, de Dorian e de todos os aliados para conseguir descobrir a localização da relíquia sagrada capaz de banir de seu mundo a ameaça valg e os horrores libertados em Morath. Chegou a hora de levantar os exércitos de Erilea. De cobrar velhas dívidas... É hora de marchar contra o mais supremo dos males. E confiar na pureza de seu coração para trazer a luz.

[Compre agora e leia](#)